

Meditação e Serviço na Lua Cheia

O momento da Lua Cheia é a maré alta do fluxo planetário. Ao fazer a meditação da lua cheia, entramos na aura de um grupo planetário de meditadores. O grupo que participa das reuniões da lua cheia deve prestar um serviço grupal realizado por meio da meditação, procurando a hora mais aproximada do plenilúnio - segundo o mestre tibetano nas 12 horas que antecederam o Plenilúnio. Assim a meditação se transformam numa criação de grande potência.

Lei dos Ciclos

Por que se realizam as reuniões do Plenilúnio? O que é que a lua tem a ver com essas reuniões? Existem várias razões:

O quarto crescente da lua até ela alcançar o apogeu seguido de seu quarto minguante, simboliza uma lei que devemos aprender a reconhecer e a utilizar: é a lei dos ciclos.

“A meditação da alma é de natureza rítmica e cíclica, como tudo no Cosmo. A alma respira e por esse meio a sua forma vive. A natureza rítmica da meditação da alma não deve passar despercebida na vida do aspirante. Há um fluxo e refluxo em tudo na natureza: nas marés dos oceanos vemos a maravilhosa representação de uma lei eterna. À medida que o aspirante se ajusta às marés da vida da alma, ele começa a perceber que existe um constante fluxo e vitalização e estímulo, seguidos pelo refluxo e inevitável e seguro das imutáveis leis da força..

Pode-se observar que este fluxo e refluxo atua nos processos da morte e reencarnação. Este fluxo e refluxo também podem ser vistos no processo das vidas do homem: por que algumas vidas são tão aparentemente passivas e intranscendentes, lentas e inertes, do ângulo da experiência da Alma, enquanto que outras vidas são vibrantes plenas de experiências e desenvolvimento? São estes os fatos que os servidores devem recordar sempre que procurarem ajudar as pessoas a viverem corretamente. Devem sempre fazer a si mesmos a seguinte pergunta: estão elas no refluxo ou estão submetidas ao influxo da energia da alma?

Estes impulsos cíclicos que se alternam com vertiginosa rapidez, são mais frequentes, rápidos e forte pressão na vida do discípulo do que na vida do homem comum. Isso é algo muito importante para nós. A conhecida experiência da montanha e do vale, tão comum na vida do místico, é só uma forma de expressar este fluxo e refluxo. O discípulo caminha às vezes na luz do sol e outras vezes caminha na escuridão. Ele conhece às vezes a alegria da plena comunhão enquanto o que outras vezes tudo lhe parece escuro e estéril. Algumas vezes seu serviço é uma experiência satisfatória e frutífera e que ele crê que realmente pode prestar ajuda, mas, em outras ocasiões, ele sente apenas que não tem nada para

dar e que o seu serviço é sem nenhuma fecundidade, não mostrando qualquer resultado.

Há dias em que o discípulo vê tudo bem claro e tem a sensação de estar em cima da montanha contemplando uma paisagem banhada pelo sol onde tudo se apresenta nítido aos seus olhos... nesses momentos, ele sente que é um filho de Deus; no entanto, quando aparecem as nuvens, toda a sua segurança desaparece e o que quer que o discípulo tenha realizado parece se perder. Neste torvelinho de opostos, forte e objetivo, ele se pergunta, desalentado: Quanto tempo eu ainda vou viver esta experiência desigual e este violento alternar de opostos? No entanto, assim que ele capta a realidade do efeito dos impulsos cíclicos e do efeito da meditação da alma sobre a sua natureza-forma, a significação do angustioso alternar de experiências logo se esclarece: o discípulo compreende que é apenas o aspecto forma que não responde e que reage de forma desigual à energia. Então aprende que, quando puder viver na consciência da Alma e alcançar quando quiser este ELEVADO LUGAR onde a Alma se manifesta, as flutuações da sua vida na forma já não o afetarão.

Uma apreciação dos conceitos sobre a Lei dos Ciclos que expusemos agora, daria ao aspirante uma curta compreensão do valor que envolve a prática da meditação e a ideia da resposta cíclica aos impulsos da Alma que subjaz por trás das atividades da: “MEDITAÇÃO MATUTINA”, da RECORDAÇÃO DO MEIO-DIA e da RECAPITULAÇÃO VESPERTINA.

Na Lua Cheia e na Lua Nova, temos uma maior expressão do que significa fluxo e refluxo, e não devemos esquecer jamais estes ensinamentos. (Tratado sobre a Magia Branca). A Lua Cheia é de expansão e a Lua Nova de retração.

Quando o estudante comum começa a observar a atuação da Lei de Fluxo e Refluxo vê que ao fixar a sua atenção neste processo, ele experimenta esta Lei com maior frequência; além do mais, poderá também descobrir que pode utilizar a atuação desta lei como uma explicação para justificar suas escassas reações durante o período minguante da Lua. Quando neste período de Lua Minguante as reações são escassas, significa que a sua Natureza-Forma reage ao impacto das energias de modo desequilibrado. No entanto, quando ele aprende, por um ato da sua vontade, a viver na consciência da Alma “As Flutuações da Vida-Forma não o afetarão”. Ao nascer em sua consciência a compreensão sobre os fenômenos que ocorrem em sua vida, o aspirante sente despertar em si o desejo de controlar conscientemente este fluxo e refluxo, isto é, explicando com palavras mais fáceis à compreensão, diremos que “ele procura desviar as formas da energia que está saindo para onde ele deseja que ela se dirija ou então faz com que ela se retire de volta ao centro de onde saiu. (Tratado sobre a Magia Branca).

O delineamento que se faz com respeito aos cinco dias é somente uma sugestão dada aos estudantes que se interessam pelo assunto, não sendo um trabalho obrigatório.

Sugerimos a todos os que começam a praticar a meditação ocultista a omitir por enquanto este trabalho intensificado da meditação específica do plenilúnio ou então alertamos para o cuidado de se precaver contra o estímulo excessivo. As vezes se atrai mais força do que se pode construtivamente manejar.

O fundamental é que o aspirante compreenda que se trata de um trabalho grupal e que o contato e a utilização das energias devem ser feitos pelo grupo, o que assegura que o estímulo é partilhado, diminuindo todo obstáculo separatista e individual. Isto permite uma afluência de energia grupal que jamais estará presente quando o indivíduo trabalha sozinho e para satisfazer os seus próprios interesses.

A Hierarquia também emprega os períodos de Lua Cheia e, se quisermos, podemos aprender a colaborar com os seus membros na tarefa de fazer com que os discípulos do mundo conheçam o Plano. (meditando nos temas que são sementes).

Cada período de atividade é sucedido por um período de repouso (pralaya) e os períodos de contato alternam-se com períodos de aparente silêncio. A alternância se deve à imposição da Lei de Periodicidade e se o estudante se desenvolver devidamente, cada período de repouso será seguido por um outro de muito maior atividade, de realização mais expressiva e mais potente. O ritmo, o fluxo, o refluxo e o *mesurado compasso* da vida palpitante constituem a Lei do universo e, ao aprendermos a responder às vibrações provenientes de Elevados Lugares, é útil que se leve em conta esta periodicidade rítmica. A mesma lei rege um ser humano, um planeta, um sistema solar e rege todos os centros e pontos focais de energia que existem numa vida maior. Se pretendemos que o trabalho que estamos realizando tenha êxito, devemos criar as condições que sejam definitivamente planejadas (Este trabalho consiste primordialmente em desenvolvermos a capacidade de fazer contato com certas correntes em níveis mentais que emanam o Eu Superior, do Grupo Egoico ou do Mestre).

Para este projeto de fazer contato com energias que nos chegam dos planos superiores, é preciso que existam certos fatores adequados que, se não existem, as correntes se desviam e não se estabelece o contato.

Se na vida do estudante é necessário que ele se ocupe de assuntos mundanos (estes períodos aparecem em todo o ciclo de vida), devemos então concentrar a nossa atenção sobre esses detalhes e talvez deixar de lado momentaneamente este projeto.

Elza Lara Campos

Texto de estudo baseado no “Tratado sobre a Magia Branca” de Alice Bailey